

A Representação da Modernidade na Poesia de Fernando Pessoa Ortônimo

Emily Carvalho da Silva¹

Universidade de Pernambuco, UPE, Petrolina, PE, Brasil

Clarissa Loureiro Marinho Barbosa²

Universidade de Pernambuco, UPE, Petrolina, PE, Brasil

Resumo: A modernidade, marcada por crises e instabilidades identitárias, impactou profundamente a literatura do século XX. Nesse cenário, a poesia ortônima de Fernando Pessoa reflete as tensões do sujeito moderno. Este artigo analisa como os poemas “Autopsicografia” e “Não sei quantas almas tenho” expressam o fingimento poético e a fragmentação do eu como sintomas da crise de identidade moderna. Fundamentado em Hall (2006), Berman (1986) e Moisés (2008), o estudo evidencia que Pessoa transforma a linguagem poética em instrumento simbólico para representar as incertezas de seu tempo. Conclui-se que sua poesia oferece uma leitura crítica e atualizada sobre os dilemas do eu na modernidade, contribuindo para o debate literário e cultural contemporâneo.

Palavras-chave: Modernidade; Fernando Pessoa; Identidade; Fingimento; Fragmentação.

Title: The Representation of Modernity in the Poetry of Fernando Pessoa's Orthonym

Abstract: Modernity, marked by identity crises and instabilities, deeply impacted 20th-century literature. In this context, Fernando Pessoa's orthonymic poetry reflects the tensions of the modern subject. This article analyzes how the poems “Autopsicografia” and “Não sei quantas almas tenho” express poetic feigning and the fragmentation of the self as symptoms of the modern identity crisis. Based on Hall (2006), Berman (1986), and Moisés (2008), the study shows that Pessoa transforms poetic language into a symbolic tool to represent the uncertainties of his time. It concludes that his poetry offers a critical and updated reading of the dilemmas of the self in modernity, contributing to contemporary literary and cultural debates.

Keywords: Modernity; Fernando Pessoa; Identity; Feigning; Fragmentation.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPI), da Universidade de Pernambuco (UPE). ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6557-8069>. E-mail: emily.carvalho@upe.br.

² Docente da Universidade de Pernambuco (UPE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4640-2446>. E-mail: clarissa.loureiro@upe.br.

Introdução

A poesia, enquanto forma artística, sempre considerou as transformações culturais, sociais e filosóficas de seu tempo. No contexto da modernidade europeia do início do século XX, marcado por crises identitárias, rupturas de valores e intensas mudanças culturais, destaca-se a figura de Fernando Pessoa como uma das principais vozes da literatura portuguesa. Sua poesia ortônima, assinada com seu próprio nome, é marcada por inquietações existenciais que recriam, de forma literária, as angústias do homem moderno. Este trabalho dedica-se à análise dessa faceta específica da obra de Fernando Pessoa, com o intuito de compreender como o poeta representa tais angústias nos poemas “Autopsicografia” e “Não sei quantas almas tenho”, partindo da premissa de que sua poética reflete as tensões próprias da modernidade.

A partir dessa compreensão, o presente estudo parte da seguinte questão: como a poesia ortônima de Fernando Pessoa representa as tensões e crises de identidade características da modernidade? Para respondê-la, foram definidos três objetivos específicos: i) identificar de que forma o fingimento poético, presente na poesia ortônima de Fernando Pessoa, configura-se como estratégia estética diante da instabilidade moderna; ii) investigar a fragmentação do eu como marca da crise identitária do sujeito lírico pessoano; e iii) refletir sobre como esses elementos poéticos possibilitam uma leitura crítica da modernidade e do sujeito em transformação. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, fundamentada na análise de poemas e no diálogo com autores que discutem a modernidade, a identidade e a construção poética do eu.

Com o objetivo de estruturar e discutir essas ideias, o artigo está organizado nos seguintes tópicos: Identidade na modernidade; o fingimento poético em “Autopsicografia”; e a fragmentação do eu em “Não sei quantas almas tenho”. O primeiro tópico apresenta os conceitos centrais do pensamento moderno, analisando como a crise do sujeito se manifesta nas transformações culturais e sociais do período. O segundo tópico discute o fingimento como resposta estética à desintegração do eu, tomando como base o poema “Autopsicografia”. Por fim, o terceiro tópico analisa a fragmentação do sujeito lírico no poema “Não sei quantas almas tenho”, evidenciando como a multiplicidade, o estranhamento de si e a despersonalização representam a crise da identidade moderna. Os três tópicos se articulam por abordarem, sob diferentes perspectivas, a tentativa do sujeito moderno de atribuir sentido à sua existência por meio da arte e da linguagem, mesmo que atravessado pela crise, pela cisão interior e pela necessidade de fingimento.

A relevância desta pesquisa reside na possibilidade de ampliar a compreensão sobre como a literatura moderna, em especial, a poesia ortônima de Fernando Pessoa, interpreta e recria os dilemas existenciais de seu tempo. Ao articular os temas do fingimento poético e da fragmentação do eu, este estudo contribui para o aprofundamento dos debates sobre o modernismo português e sobre a construção do sujeito na modernidade. Além disso, propõe uma leitura que aproxima a poesia de Pessoa das questões contemporâneas filosóficas,

relacionadas à subjetividade, à instabilidade identitária e à busca por sentido em um mundo em constante transformação.

Identidade na Modernidade

Este tópico tem como objetivo discutir o conceito de modernidade e modernismo em seus contextos histórico, filosófico e estético, com ênfase na forma como esses novos cenários reconfiguram a noção de identidade. Ao refletir sobre os principais aspectos da modernidade, busca-se compreender como o sujeito moderno emerge com a identidade atravessada por rupturas, incertezas e contradições, as quais permeiam também a literatura.

Segundo Marshal Berman (1986), a modernidade não se refere apenas a um período histórico, mas a uma experiência vivida intensamente nos últimos cinco séculos da civilização ocidental, marcada pelo paradoxo. Essa experiência é caracterizada por mudanças constantes, pelo avanço técnico e pela desintegração cultural, aspectos que alteram profundamente as bases da vida social e individual. A modernidade é, simultaneamente, promessa de progresso e experiência de perda. Para compreender a modernidade enquanto período histórico, Berman (1986) propõe sua divisão em três fases. A primeira situa-se entre os séculos XVI e XVIII, marcada pelo surgimento dos elementos que dariam origem ao mundo moderno, como o avanço do capitalismo, as grandes navegações, a formação dos Estados nacionais, o desenvolvimento da ciência e do pensamento racional. No entanto, segundo o autor, o sujeito ainda não possuía plena consciência de estar vivenciando a modernidade, encontrando-se em um “estado de semicegueira, no encalço de um vocabulário adequado” (Berman, 1986, p. 13).

A segunda fase, entre o final do século XVIII e o XIX, tem como marco a Revolução Francesa e a industrialização. A modernidade torna-se mais visível e passa a ser percebida de forma mais consciente por um público moderno que compartilha experiências comuns de transformação social, política e cultural. Contudo, mesmo nesse estágio, esse público “ainda se lembra do que é viver em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro” (Berman, 1986, p. 13), vivenciando, simultaneamente, elementos do passado e do futuro. A terceira fase ocorre no século XX, quando a modernidade atinge seu ápice e se globaliza. Todos os aspectos da vida – as cidades, as relações pessoais, a cultura – são afetados. Nesse contexto, “o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais” (Berman, 1986, p. 14). Com tantas vozes e perspectivas diferentes, o conceito de modernidade torna-se difuso, perdendo seu caráter unificador. Surge, assim, um paradoxo: a modernidade propõe o novo, mas permanece atrelada ao passado, gerando no sujeito uma tensão entre o que foi e o que está por vir.

Para aprofundar essa compreensão, Berman (1986, p. 16) distingue três conceitos: modernidade, modernização e modernismo. A modernidade refere-se à condição histórica e existencial da sociedade moderna. A modernização diz respeito aos processos visíveis de transformação material da sociedade – como a industrialização, urbanização e reestruturação das relações sociais. Já o modernismo é a resposta estética a essa experiência – uma forma de representar, por meio da arte, o caos e a fragmentação da realidade vivida. Como afirma

Berman (1986, p. 9), o “modernismo é realismo”, pois retrata a experiência urbana fragmentada e conflituosa do sujeito moderno. Nesse cenário, ser moderno significa viver em permanente dualidade. O sujeito moderno deseja romper com o passado e criar o novo, mas continua ligado às referências e nostalgias do que já foi. Essa ambiguidade contribui para a crise identitária.

No âmbito dessas transformações, Stuart Hall (2006, p. 07) afirma que as antigas identidades, que por muito tempo estabilizaram o sujeito moderno, entram em colapso diante da modernidade tardia. Diferentemente da noção de uma “pós-modernidade”, Hall (2006) entende que vivemos em uma modernidade em estágio avançado, na qual suas tensões internas se intensificam. Segundo o autor, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas” (Hall, 2006, p. 09). Esse deslocamento do sujeito, que deixa de ser uno e coerente, leva à construção de um “eu” como processo contínuo, inacabado e em constante conflito. Para compreender essa construção, Hall (2006, p. 10) propõe três modelos: o sujeito do Iluminismo – uno, racional e autônomo; o sujeito sociológico – cuja identidade se forma na relação com o outro e com as estruturas sociais; e o sujeito pós-moderno – fragmentado, múltiplo e em constante reconstrução. Dessa forma, observa-se que a crise de identidade está presente na própria constituição da modernidade, marcada por contradições e instabilidades. Diante disso, o poeta moderno recorre ao modernismo como expressão estética de sua realidade paradoxal. Como afirma Charles Baudelaire (1996, p. 24), o artista moderno é aquele atento ao “transitório, o fugitivo, o contingente”, buscando extrair da fugacidade da vida moderna a matéria de sua criação estética. Para Baudelaire (1996, p. 24), a modernidade é a própria “época presente”, e cabe ao poeta registrar, por meio da arte, os fragmentos de um mundo em constante mudança.

Com base nessas reflexões, compreende-se que a modernidade não é apenas um período de transformações sociais e históricas, mas uma condição de instabilidade que atravessa a constituição da identidade. Como discutido por Berman, Hall e Baudelaire, o sujeito moderno encontra-se em constante deslocamento, atravessado por múltiplas experiências que o impedem de se perceber como uno e estável, como outrora. A modernidade dissolve a ideia de um “eu” fixo, substituindo-a por identidades fragmentadas, contraditórias e em permanente construção.

Nesse contexto, a arte – especialmente a literatura modernista – emerge como um espaço simbólico de elaboração dessa crise. O poeta moderno, consciente da impossibilidade de uma essência única de si mesmo, recorre ao fingimento como forma de ser outro, ou muitos, uma vez que não há identidade a ser fixada. Fingir, nesse caso, não é disfarçar, mas criar. Criar outras versões de si mesmo até que uma delas se imponha como identidade, ainda que temporária. A modernidade, portanto, conduz não apenas à fragmentação do sujeito, mas também à necessidade estética de ser múltiplos.

Essa perspectiva será aprofundada nos próximos tópicos deste trabalho, que analisam como Fernando Pessoa, por meio dos poemas “Autopsicografia” e “Não sei quantas almas

tenho”, recria poeticamente e filosoficamente as tensões identitárias e existenciais do homem moderno.

“Autopsicografia” e o Fingimento Poético

Fernando Pessoa é uma das figuras centrais do modernismo português, não apenas por sua originalidade estética, mas por traduzir e recriar poeticamente as inquietações do homem moderno que vivia as tensões e incertezas da modernidade. Entre os traços mais marcantes de sua obra ortônima está o fingimento poético, entendido não como falsidade, mas como uma técnica consciente de criação estética. Pessoa utiliza esse recurso para transformar a dor e os sentimentos em construções imaginárias, o que o destaca como um poeta racional e reflexivo sobre a própria dor.

Segundo Massaud Moisés (1975), o modernismo português é fruto de uma conjuntura de instabilidade política e social, simbolizada pela queda da monarquia e pela implantação da República em 1910. Esse contexto influenciou uma renovação cultural e estética liderada por figuras como Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, que encontraram em revistas como *A Águia* e *Orpheu* o espaço para romper com as convenções literárias e propor uma nova forma de expressão poética. Essa estética propunha uma renovação capaz de expressar, de maneira original e visionária, as contradições e angústias de um mundo em transformação. Massaud Moisés (2008) divide, de forma geral, a poesia portuguesa em três períodos: antes de Camões (Idade Média), depois de Camões (do século XVI ao XIX) e depois de Fernando Pessoa (de 1915 aos nossos dias). Camões foi, por séculos, o modelo dominante da poesia e da própria compreensão do fazer poético na literatura portuguesa. Com Pessoa e os modernistas, rompe-se com essa tradição, instaurando-se uma nova forma de pensar e escrever poesia.

De acordo com Moisés (2008, p. 08), a geração do *Orpheu* desafia os valores antigos e transforma a poesia em algo sagrado, criando um “mito” – sendo este a própria poesia, que passa a ocupar o lugar do Deus ausente e oferecer sentido à existência em um mundo em crise. A poesia passa a ser vista como uma expressão intensa do sentir e do pensar ao mesmo tempo. Fernando Pessoa é responsável por unir pensamento e emoção, criando uma poesia simultaneamente sensível, filosófica e racional, a chamada “poesia pessoana”. Diferente de Mário de Sá-Carneiro, que baseava sua poesia essencialmente na emoção, Pessoa mescla emoção e pensamento: sente com a razão e pensa com a sensibilidade. Ou seja, ele não escreve poesia enquanto está emocionalmente abalado, mas racionaliza a emoção e, após refletir sobre o que sentiu, transforma esse pensamento em poema. Essa operação poética, chamada por ele de “pensamento estético”, revela que o poeta não expressa o sentimento de forma espontânea, mas traz para a escrita uma emoção conscientizada, um fingimento intencional. Como afirma Moisés (2008, p. 14), “o poeta pensa a emoção”.

O fingimento poético está, portanto, sustentado pela concepção sensacionista da arte. Para Fernando Pessoa, “a única realidade da vida é a sensação. A única realidade em arte é a consciência da sensação [...] A base de toda arte é a sensação” (Moisés, 2008, p. 38). A arte é o meio pelo qual o poeta não apenas sente, mas recria conscientemente suas sensações,

convertendo uma sensação real em sensação estética, ou seja, em uma sensação de segundo grau.

Essa concepção está presente no poema “Autopsicografia”, o qual se apresenta como um metapoema por refletir sobre o próprio fazer poético e o fingimento como processo criativo. Segundo Moisés (2008), o título do poema carrega uma dimensão filosófica e psicológica: ao utilizar o termo “autopsicografia”, o poeta sugere que o sujeito poético é, ao mesmo tempo, quem sente, quem interpreta e quem escreve a si mesmo. Fernando Pessoa torna-se, assim, um “médium de si próprio”, pois a mensagem não vem de fora, mas do seu interior. Trata-se de uma grafia do inconsciente, um processo de autoconstrução em que o “eu” se transforma em objeto da própria escrita, como alguém que se vê ao espelho e descreve a imagem refletida. O fingimento, nesse caso, é o instrumento pelo qual o poeta internaliza a sensação, pensa sobre ela e a converte em palavra, dando origem a uma arte que recria não o real, mas a vivência consciente do sentir. O poema “Autopsicografia” pode ser analisado em três momentos. O primeiro trata da relação do poeta com a dor:

O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente
(Pessoa, 2016, p. 152).

O poeta transforma sua dor pessoal em uma dor universal. Ele se distancia da própria dor para recriá-la como construção estética. Nesses versos, Fernando Pessoa constrói um paradoxo central à sua poética: a dor real só adquire valor artístico quando é recriada pela imaginação. Como aponta Moisés (2008), o “fingidor” não é um impostor, mas um artesão da palavra que modela sentimentos como barro. Ele cria uma ficção a partir de uma experiência real, elevando-a a um segundo grau de sensação. Nesse processo, o poeta se desdobra: é aquele que sente e, ao mesmo tempo, aquele que observa e transforma esse sentir em arte.

Essa cisão subjetiva sugere a existência de um “outro” dentro do próprio sujeito, um “eu” poético que interpreta o “eu” experiencial, criando uma espécie de autopsicografia, uma escrita de si, na qual o sujeito é ao mesmo tempo observador e objeto. Como destaca Moisés (2008), esse fingimento é também um processo de autoconhecimento: uma forma superior de representar, pela linguagem, a condição humana. Fingir, portanto, é criar, é poetizar a dor.

Essa concepção pessoana do fingimento como recriação estética encontra eco, décadas depois, na poética de Manoel de Barros, poeta brasileiro considerado um dos mais inovadores da literatura contemporânea em língua brasileira. Embora pertença a outro contexto histórico e cultural, Barros partilha com Fernando Pessoa a ideia de que a poesia não se confunde com a realidade vivenciada, mas se constrói como invenção. Ao afirmar que “Tudo que não invento é falso. Há muitas maneiras sérias de não dizer nada, mas só a poesia é verdadeira” (Barros, 1996, p. 67), o poeta sugere que a invenção poética não é desvio da verdade, mas o próprio caminho para atingi-la.

Em Manoel de Barros, a invenção não apenas recria sensações, como em Fernando Pessoa, mas transforma as pequenas coisas, o “ínfimo”, em grandeza poética. Se Fernando

Pessoa racionaliza a dor para recriá-la, o escritor brinca com as palavras para reinventar o mundo a partir daquilo que é aparentemente insignificante. Em ambos os casos, a poesia não é imitação da realidade, mas criação de um outro real: o fingimento pessoano e a invenção barroiana caminham para a mesma compreensão estética, na qual a criação poética alcança uma verdade mais intensa do que aquela que a realidade, por si só, é capaz de fornecer. Essa aproximação entre os dois poetas reforça a relevância de “Autopsicografia” como reflexão metapoética, pois o poema não apenas apresenta o fingimento como técnica criativa, mas também se organiza em etapas distintas que explicitam a relação entre dor, leitor e razão. Assim, no segundo momento do poema, Pessoa aborda a relação entre leitor e dor:

E os que leem o que escreve
Na dor lida sentem bem
Não as duas que ele teve
Mas só a que eles não têm
(Pessoa, 2016, p. 152).

Aqui, o foco se desloca da experiência do poeta para a recepção do poema pelo leitor, que se torna agente ativo na construção do sentido. O leitor projeta em si uma dor que não viveu, mas que passa a sentir como verdadeira por meio da linguagem poética. Trata-se do que podemos chamar de fingimento do leitor. Como explicam Birello e Mareco (2012, p. 83), “o verso 6, ‘na dor lida [os leitores] sentem bem’, [...] produz um sentido de que os leitores se sentem bem ao imaginar que a dor que leem é a dor sentida pelo poeta, criando assim uma aproximação do leitor com o autor da obra” (Birello; Mareco, 2012, p. 85). No entanto, essa empatia é ilusória: o leitor não acessa a dor real do poeta (“não as duas que ele teve”), mas apenas aquela que ele fingiu ter (“a que eles não têm”). O fingimento se perpetua na leitura, revelando-se como mecanismo simbólico de compartilhamento da dor humana universal. Por fim, o terceiro momento apresenta a relação entre razão e sentimento:

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração
(Pessoa, 2016, p. 152).

A metáfora do “comboio de corda” que gira “nas calhas de roda” sugere que o sentimento (coração) está submetido a uma estrutura racional (as calhas). Mesmo que exista emoção, é a razão que organiza e direciona esse movimento. A emoção só se torna matéria poética quando racionalizada. Como apontam Birello e Mareco (2012, p. 24), a estrofe final “produz um efeito de conclusão, de fechamento para as ideias apresentadas até o momento”, indicando um ciclo contínuo entre emoção e razão.

Dessa forma, compreende-se que o fingimento poético em Fernando Pessoa é mais do que um recurso estilístico: é uma resposta estética às tensões culturais e existenciais da modernidade. O poeta não apenas finge a dor, mas a recria pela poesia em meio à crise de valores do início do século XX. Ao fingir, Pessoa não disfarça: ele cria. Como afirma Moisés

(1975), sua obra funciona como um “painel de registro sismográfico” das inquietações culturais de sua época. Rompendo com os modelos tradicionais e inaugurando o “ciclo pessoano”, sua poesia afirma-se como arte moderna e reflexiva, em que o fingimento se torna forma de compreender e poetizar a complexidade do sujeito moderno.

“Não Sei Quantas Almas Tenho” e a Fragmentação do *Eu*

Além do fingimento poético discutido no tópico anterior, outro aspecto marcante na poética de Fernando Pessoa é a fragmentação do *eu*, que deu origem a vários heterônimos, ou seja, a vários outros *eus* criados pelo autor. O foco deste tópico é analisar, no poema “Não sei quantas almas tenho” (1930) de Fernando Pessoa ortônimo, como essa fragmentação aparece sendo uma das principais marcas da identidade moderna, marcada pela instabilidade, contradição e multiplicidade. O eu lírico do texto expressa a crise do sujeito moderno, que já não consegue se perceber como uno e fixo, refletindo as transformações e os conflitos do seu tempo.

Segundo Stuart Hall (2006, p. 08), todas as mudanças que acompanharam a modernidade exprimiram a identidade do indivíduo, que antes era vista como fixa e estável. Com essa desestabilização, a identidade passou a ser entendida como instável, em constante transformação. Assim, o sujeito moderno já não é mais alguém que sabe exatamente quem é, mas sim quem está sempre mudando, se adaptando e se reconstruindo – é múltiplo dentro de um único sujeito, e, nesse processo, torna-se fragmentado.

Essa nova configuração de subjetividade na modernidade também se manifesta no que Cristiane Simeoni (2023) chama de descentralização do sujeito, processo pelo qual o eu deixa de ocupar uma posição central, estável e soberana. Segundo ela, “essa perda de um ‘sentido de si’ ocasionou o que se denomina ‘deslocamento ou descentralização do sujeito’” (Simeoni, 2023, p. 02). Nessa circunstância, o indivíduo moderno passa a se perceber como fragmentado e em constante reconstrução. Então, já não é mais um centro fixo da experiência, mas um ponto em movimento, moldado por forças externas e internas que o desestabilizam e o obrigam a lidar com múltiplas versões de si mesmo. Desse modo, a fragmentação se torna uma ferramenta literária para expressar a crise do homem moderno.

Mais do que um simples artifício estético, a fragmentação pessoana se mostra como uma estratégia de sobrevivência diante da ausência de um “eu” fixo. A obra de Fernando Pessoa é marcada por uma multiplicidade de vozes e por uma consciência da instabilidade identitária do sujeito moderno. Como afirma Cristiane Simeoni (2023, p. 8), “é no existir que o homem vai assumindo o seu perfil, é no que não se é que se abre a possibilidade de vir-a-ser”. A identidade não é algo dado, mas algo em construção, ou mesmo em permanente desconstrução, à espera de um dia vir a ser. O sujeito poético, ciente de que não se conhece, assume o paradoxo de desejar ser outro para encontrar-se a si mesmo. Reconhece o próprio desconhecimento e faz dele meio de criação estética. A criação de heterônimos é um claro exemplo dessa multiplicidade, mas o próprio eu lírico ortônimo também vive essa

instabilidade: não se apresenta como um, mas como muitos. Essa despersonalização “trata-se do desaparecimento do ‘eu’ para fazer surgir a persona, a máscara” (Simeoni, 2023, p. 8).

Embora frequentemente se associe o nome “Fernando Pessoa” ao autor empírico, é importante distinguir o ortônimo de seus heterônimos. Segundo José Gil (1987, p. 153), os heterônimos são personalidades literárias completas, com biografia, estilo próprio e visão de mundo distintos – como Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos. Constituem uma verdadeira constelação poética. Já o ortônimo não é o Pessoa “real”, mas um desdobramento literário que surge como reação e reflexão sobre o processo heteronímico. Como explica José Gil (1987, p. 153), “Fernando Pessoa ortônimo surge como negação de Caeiro num processo do devir-outro que se prolonga na reflexão sobre si próprio, enquanto processo – produzindo Fernando Pessoa ortônimo”. Em outras palavras, o ortônimo é também uma criação, mas uma criação que pensa e elabora o fenômeno de se tornar outro, funcionando como o eixo articulador que pensa sobre todos os outros.

Desse modo, no poema ortônimo “Não sei quantas almas tenho”, o sujeito poético admite, com desconforto e estranhamento, que é feito de partes, de dúvidas, de despersonalização. Assume que é um sujeito fragmentado e se observa como se fosse outro. No início do poema, o eu lírico expressa um sentimento de dúvida em relação à própria identidade:

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei
(Pessoa, 2016, p. 168).

O eu lírico tenta responder à grande questão da identidade moderna: “Em meio a tantos, quem eu realmente sou?”. Essa multiplicidade e esse estranhamento não são acidentais, mas partem de uma construção consciente da poética pessoana. Conforme Moisés (2008), Fernando Pessoa teria produzido suas “ficções”, inclusive o próprio Pessoa ortônimo, como uma forma de buscar o self, isto é, um sentido pleno de si mesmo. No entanto, essa busca se dá justamente pela via da fragmentação, da criação de múltiplos “eus” poéticos, como se cada voz fosse uma tentativa de alcançar essa totalidade utópica. Para Gil (1987, p. 161), esse movimento de criar-se e negar-se continuamente constitui um verdadeiro devir-outro, pois “cada heterônimo é produzido por negação e duplicação da consciência. [...] Cada vez que o sujeito se torna um outro a consciência separa-se dele, negando-o”. O sujeito poético, ao perceber que não se encontra em si mesmo, fragmenta-se para tentar reencontrar-se. Assim, o ato de “tornar-se outro” não é apenas um recurso estético, mas uma necessidade: o eu precisa esvaziar-se de si para abrir espaço para novas possibilidades de ser. Porém, nesse esvaziamento de si, perde-se também a sua própria identidade, a sua autenticidade, como podemos ver na terceira estrofe do poema:

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo
É do que nasce e não meu
(Pessoa, 2016, p. 168).

Nessa estrofe, o eu lírico se desprende do eu para que se torne outros. Perde a sua identidade e desejos a fim de vivenciar os sonhos de outro. Isso, Moisés (2008, p. 76) descreve como despersonalização do poeta que, ao projetar-se em múltiplas máscaras, “corria o risco de esvaziar-se, de alienar-se do meio ambiente.” Nesse sentido, a heteronímia “pode produzir uma personalidade que preenche com precisão os papéis sociais, mas deixa a impressão de que não existe, ‘dentro’, uma pessoa real” (Moisés, 2008, p. 76). Esse processo da perda de si pode ser compreendido à luz da “escala da despersonalização”, proposta por Fernando Pessoa e analisada por José Gil (1987, p. 161). Segundo o autor, os cinco graus da despersonalização representam o aprofundamento do afastamento do eu: no início, o poeta ainda expressa emoções próprias; a partir do terceiro grau, passa a sentir não porque sente, mas porque pensa que sente, até chegar ao quinto grau, em que os estados de alma se tornarão tão autônomos e “tenderão a definir para ele uma pessoa fictícia que os sentisse sinceramente” (Gil, 1987, p. 172). É nesse estágio máximo que surgem os heterônimos – não simples personagens, mas poetas completos. Ao atingir esse ponto extremo, o sujeito lírico abdica de uma identidade unificada e se fragmenta em vozes que coexistem, mas que já não remetem a um centro fixo. Assim, ao “tornar-se eles”, o poeta abandona a ideia de uma identidade unificada e a substitui por uma outras vozes, uma vez que a busca por si mesmo exige justamente o esvaziamento da própria individualidade, a despersonalização de quem ainda lhe resta como eu.

Outra vertente da fragmentação do eu em Fernando Pessoa é o paradoxo de ser muitos e, ainda assim, sentir-se só. Na quarta estrofe do poema, o eu lírico reconhece sua multiplicidade no “diverso”:

Sou minha própria paisagem,
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só,
Não sei sentir-me onde estou.
(Pessoa, 2016, p. 168).

Essa instabilidade constante “móbil” é também a sua solidão “só”. Aqui, o sujeito não apenas se fragmenta, mas também se distancia de si a tal ponto que passa a se observar como alguém de fora, como uma paisagem ou um espectador da própria existência. Esse distanciamento revela uma perda de enraizamento no próprio corpo e na própria subjetividade, pois ele “não sabe sentir-se onde está”. Dessa forma, a consciência de ser muitos não resulta em completude, mas em vazio e deslocamento.

Logo, o poema “Não sei quantas almas tenho” demonstra a crise identitária vivida pelo sujeito moderno. A fragmentação do eu, longe de ser apenas uma característica estilística, torna-se uma necessidade diante da impossibilidade de sustentar uma identidade única e

estável. Ao mesmo tempo em que busca compreender a si, o eu lírico percebe que precisa se desfazer, se multiplicar, tornar-se outros para talvez, em algum momento, encontrar-se. Mas esse caminho é marcado pela dúvida, pelo estranhamento e pelo vazio. Como se vê nos versos analisados, Fernando Pessoa constrói uma poética em que o sujeito está em constante deslocamento, sem respostas definitivas, vivendo o paradoxo de ser muitos e, ainda assim, não se encontrar a si mesmo. A fragmentação, nesse contexto, é o espelho da modernidade: uma tentativa de dar forma ao eu justamente quando ele já não sabe mais onde está.

Considerações Finais

Este trabalho buscou compreender como a poesia ortônima de Fernando Pessoa representa a crise da identidade moderna, marcada por instabilidade, fingimento e fragmentação do eu. A análise dos poemas “Autopsicografia” e “Não sei quantas almas tenho” permitiu observar como o poeta traduz em linguagem as contradições do sujeito moderno: no primeiro, a dor é reinventada pelo fingimento poético, que transforma a emoção em arte; no segundo, a fragmentação do eu revela um sujeito descentrado, que se perde entre múltiplas identidades e não encontra um ponto fixo de si mesmo. Assim, os dois poemas, embora diferentes em foco e estrutura, se complementam, oferecendo um retrato poético da instabilidade e das incertezas que caracterizam a modernidade.

A partir do diálogo com autores como Berman, Hall, Moisés, Simeoni e Bauman, percebe-se que Pessoa não apenas reflete, mas também antecipa as discussões sobre a identidade moderna e contemporânea. Sua poesia mostra que fingir e fragmentar não são apenas recursos estilísticos, mas modos de sobrevivência diante de um mundo em crise, onde as antigas certezas já não bastam. Nesse sentido, a obra ortônima pessoana constitui-se como espaço de elaboração estética das tensões modernas, aproximando-se de reflexões filosóficas sobre o sujeito fragmentado, a liquidez da identidade e a descentralização do eu.

Por fim, a relevância da poesia de Fernando Pessoa ultrapassa os limites do modernismo português e mantém-se atual. O esvaziamento de sentido, a instabilidade emocional e a busca constante por identidade continuam a marcar o sujeito contemporâneo, tornando a leitura de sua obra uma experiência ainda necessária. Pessoa não oferece respostas definitivas, mas convida o leitor a reconhecer-se em suas próprias contradições. Dessa forma, sua poesia permanece como testemunho do homem moderno e como reflexão universal sobre a condição humana, reafirmando-se não apenas como literatura de valor estético, mas como pensamento crítico e existencial que atravessa gerações.

Nesse sentido, pensar Fernando Pessoa possibilita entender o impacto histórico e social de sua obra, e perceber que sua poesia continua sendo um espaço de reflexão sobre a condição humana. Fernando Pessoa não é apenas um poeta, é também um autor que problematiza, por meio da linguagem, os dilemas existenciais da modernidade. Portanto, este trabalho propõe uma mudança de perspectiva: da leitura centrada apenas na estética para uma abordagem que coloca a obra em diálogo com seu contexto histórico e cultural. Essa

mudança amplia a compreensão da poesia de Fernando Pessoa e reforça sua relevância não apenas na história da literatura, mas também no campo do pensamento crítico atual.

Referências

- BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade e o pintor da vida moderna*. Organização de Teixeira Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BIRELLO, Daniela; MARECO, Vanderci de Andrade. "Autopsicografia": um gesto de interpretação à luz da Análise do Discurso. *Revista Terra Roxa e Outras Terras: Revista de Estudos Literários*, Londrina, n. 22, p. 76-88, 2012. DOI: 10.5433/1678-2054.2012v23p78. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/terraroja/article/view/25033>. Acesso em: 18 maio 2025.
- GIL, José. *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Tradução de Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. 2. ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1987.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- MOISÉS, Massaud. *Fernando Pessoa: o espelho e a esfinge*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética de Fernando Pessoa: volume 1*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- SIMEONI, C. P. M. A desconstrução do eu em Fernando Pessoa. *Revista Desassossego*, v. 1, n. 1, p. 39-47, 2009. DOI: 10.11606/issn.2175-3180.v1i1p39-47. Disponível em: https://revistas.usp.br/desassossego/pt_BR/article/view/47612. Acesso em: 22 de maio 2025.

Recebido em: 22/09/2025.

Aceito em: 14/12/2025.